



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

TANIA MARIA DA SILVA FERNANDES MOREIRA

**CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL DE PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO**

RIO DE JANEIRO

2015

TANIA MARIA DA SILVA FERNANDES MOREIRA

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL DE PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DO RIO DE
JANEIRO

Monografia apresentada à Universidade
Federal do Rio de Janeiro como requisito
parcial para obtenção do grau de Bacharel e
Licenciatura de Pedagogia.

ORIENTADORA: Prof^a Deise Arenhart

RIO DE JANEIRO

2015

TANIA MARIA DA SILVA FERNANDES MOREIRA

Concepções e práticas de planejamento na educação infantil de professoras da rede municipal do Rio de Janeiro

Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel e Licenciatura de Pedagogia.

DATA: _____ / _____ / _____

Prof. Deise Arenhart – Orientadora

Examinador: Prof^a . Daniela Guimarães

Examinador: Prof^a. Núbia de Oliveira Santos

Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.

Carl Gustav Jung

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela minha vida e por Seu infinito amor e misericórdia por mim, em meio há tantas imperfeições. Por Sua proteção em tudo que passei ao longo de minha vida, e não somente nestes anos de graduação; pelos momentos bons e ruins, mas que de algum modo me fizeram chegar até aqui e ser quem eu sou.

Aos meus pais, Adenir e José Luiz pessoas honradas e humildes que me enchem de amor, que me inspiram, me incentivam, me desafiam e me encorajam a ser cada dia melhor. Por toda dedicação e esforço que tem para comigo, por me educarem com amor. Se cheguei, aonde cheguei é porque vocês estavam segurando minha mão. Amo vocês mais do que tudo.

À minha cunhada Natalia, minha sobrinha Heleninha e o meu irmão amado Jorge, que sempre foi meu exemplo de sucesso e me mostrou que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente. Que mesmo distantes me davam palavras de coragem, carinho e amor.

Às minhas amigas, Aline e Daiane, em especial Roseni Maria que compartilhou diversos momentos dessa jornada acadêmica, trabalhos complicados, choros e risadas com as notas, desespero de final de período e relatórios de estágio, momentos que nos tornaram fortes e unidas. Obrigada por fazerem parte da minha vida e vão continuar fazendo, pois, como eu sempre digo: “Da UFRJ pra vida”.

À minha amiga Nathalia que com sua força, alegria e amor sempre me incentivou, me dando palavras de conforto e de ânimo, que sempre me ofereceu seu ombro amigo sem pedir nada em troca, simplesmente a minha amizade. Te amo, admiro e quero ter você sempre ao meu lado.

À minha orientadora, Deise Arenhart pelo empenho, apoio, paciência e suporte no pouco tempo que tinha, pelas suas correções e incentivos.

Às professoras entrevistadas pela sua colaboração para que esta pesquisa pudesse ser realizada.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, muito obrigada!

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é discutir a importância do planejamento na educação infantil, analisar as formas de planejar e as concepções de criança, conhecimento e educação infantil presentes nos planejamentos de professoras de educação infantil da rede municipal do Rio de Janeiro. Para tanto, a pesquisa teve abordagem qualitativa e análise de dados coletados a partir de entrevista semiestruturada com cinco professoras de Educação Infantil pertencentes a essa rede municipal de educação. Ao analisar as informações coletadas conclui-se que o planejamento é uma tarefa docente que permite a organização de ações, que prevê situações significativas de aprendizagem, mas também é um momento de pesquisa e reflexão inteiramente ligado à avaliação. Contudo, na ação cotidiana das professoras, essa potencialidade pedagógica do planejamento nem sempre é garantida, visto que esse tende a se automatizar e burocratizar devido a fatores diversos, como falta de formação, de acompanhamento da ação pedagógica do professor, de condições de trabalho, de compreensão de seu papel, etc. As concepções e formas de planejamento percebidas nas entrevistas também expressam que ainda há muito que se fazer para que o planejamento na educação infantil esteja em consonância com os princípios de uma pedagogia comprometida com as especificidades das crianças pequenas.

Palavras chave: Educação Infantil; planejamento; concepções; práticas.

ABSTRACT

The purpose of the research was to discuss the importance of planning in childhood education, analyze the types of planning, and the conceptions of child, knowledge and childhood education present in the planning of childhood education teachers in Rio de Janeiro. The research was a qualitative approach and data analysis from semi-structured interviews with five childhood education teachers, who work in the public school system in the city of Rio de Janeiro. By analyzing the information, it was concluded that planning is the instructor's job and it allows the organization of actions, providing significant learning situations, but it is also a moment of research and reflection entirely linked to evaluation. However, in teachers' daily routines, this pedagogical potential of planning is not guaranteed, because it tends to be automatic and inefficient due to several factors, such as the lack of training, of pedagogical action monitoring, of work conditions, of understanding their role in education, etc. The concepts and forms of planning found in this survey also showed that there is a long way to go until the childhood education planning is in line with the pedagogical principles associated with young children specificities.

Keywords: Childhood education; planning; concepts; practices.

LISTA DE TABELAS

QUADRO 1 – Formação/tempo de trabalho em Educação Infantil;

QUADRO 2 – Fontes/materiais de pesquisa utilizados pelas entrevistadas;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
OBJETIVO GERAL.....	10
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
METODOLOGIA	11
CAPÍTULO I	13
A EDUCAÇÃO INFANTIL E OS SENTIDOS DO PLANEJAMENTO.....	13
1.1 TIPOS MAIS COMUNS DE PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	16
1.2 PLANEJAR NÃO É APENAS UM SIMPLES ATO, É UM COMPROMISSO QUE REQUER ATITUDE.....	19
CAPÍTULO II	23
ANALISANDO AS ENTREVISTAS: COMPREENDENDO O PLANEJAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40
ANEXOS	45
ROTEIRO PARA ENTREVISTA.....	45

INTRODUÇÃO

Um dilema na vida de um universitário é a escolha do tema de pesquisa para o trabalho de conclusão do curso, mas, no meu caso, esse dilema não foi um “bicho de sete cabeças”. Eu sabia que seria algum tema relacionado com Educação Infantil, pois sempre tive interesse nessa área, desde quando iniciei minha formação de professora no Instituto de Educação Sarah Kubitscheck. Mas tive a certeza absoluta quando passei no concurso para professora de Educação Infantil do município do Rio de Janeiro e fui trabalhar em uma creche, onde tive oportunidade de vivenciar e participar de vários momentos de crianças de um, dois, e três anos. As situações vivenciadas fizeram eu me apaixonar ainda mais, pois ser professora na educação infantil vai além de saber ensinar e transmitir conhecimentos, é saber ouvir a criança, ser criativa, interagir com a realidade delas, sabendo lidar com as dificuldades do dia a dia.

Trabalho na creche há quatros anos e tive oportunidade de trabalhar com berçário, maternal I e II, vivenciando e participando de cada momento das crianças, nas quais a dimensão do afeto está muito aflorada. As crianças transformam um simples “bom dia” em um momento mágico com abraços e beijos, espelhando-se na figura do professor e muitas vezes imitando-o, levando para si, em seu convívio social, o que aprenderam.

Essa realidade me fez refletir o quanto meu papel na vida delas é importante, e que nós, professores, precisamos cada vez mais ser indagadores, pesquisadores da nossa própria ação docente. Para isso, nosso trabalho deve ser bem estruturado e pensado com carinho e intencionalidade para as crianças. Ainda que as crianças estejam passando por um processo de educação e aprendizagem, não se trata dos mesmos fins e meios do ensino fundamental, sendo que as vivências nesse segmento devem tomar as especificidades das crianças pequenas como ponto de partida e se preocupar com o desenvolvimento das crianças em suas múltiplas dimensões e linguagens.

Com essa notória importância do trabalho do professor na formação humana da criança, essa pesquisa se dedica a refletir sobre um aspecto importante do trabalho docente: o planejamento.

A escolha desse objeto de estudo se deu a partir de observações na rotina da instituição escolar de educação infantil da qual faço parte, onde percebi algumas lacunas no âmbito do planejamento pedagógico e das condições do professor para realizá-lo. Alguns problemas como o excesso de improvisação, a questão de o planejamento ser feito a partir de tabelas prontas para preencher os espaços com atividades sem intencionalidade pedagógica, a falta de tempo e de estrutura para os professores pesquisarem e planejarem mostra o quanto o planejamento pedagógico ainda tem muitos desafios e problemas a serem enfrentados para poder ser visto como um instrumento importante na prática docente.

Planejar significa criar um plano que auxilie o indivíduo a alcançar determinado objetivo, ou seja, é um instrumento que permite a organização, estruturação e preparação das ações para conseguir aquele objetivo futuro. Mas, no âmbito educacional, o planejamento é uma das etapas mais importante no processo educativo, pois é uma maneira que o professor tem de orientar tal processo através da reflexão e da organização de metas, recursos, procedimentos e estratégias educacionais para atingir determinados objetivos.

Visto que “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social”(LDB, 9394/96), o planejamento se faz muito importante na ação de cuidar e educar das crianças pequenas. Mas como os professores de educação infantil elaboram o planejamento? Como quebrar essa visão burocrática de planejamento, ainda tão presente na prática dos professores? Quando o professor de educação infantil planeja? Para que e para quem ele elabora o planejamento? Em sua formação, teve orientação para aprender a planejar e entender os sentidos do planejamento? Enfim, esse estudo busca responder diversas questões que surgiram e me inquietam desde minha inserção como professora de creche. Essas questões se delinham nos seguintes objetivos:

OBJETIVO GERAL

Analisar práticas e concepções de planejamento de professores de Educação Infantil da rede municipal do Rio de Janeiro.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Refletir sobre princípios e possíveis indicativos para orientar a prática do planejamento na educação infantil;
- Analisar a relação entre as práticas de planejamento e as concepções nele implícitas;
- Identificar como e se o planejamento é abordado na formação das professoras;
- Identificar as reais condições oferecidas pelas instituições para a realização do planejamento;
- Compreender como é organizada a relação entre planejamento, registro e avaliação.

METODOLOGIA

A pesquisa é um estudo que surge a partir de uma curiosidade, uma inquietação ou uma necessidade que possibilita conhecermos realidades muitas vezes ocultadas. Segundo Marconi e Lakatos (2007, p.15) a pesquisa é “um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo que requer tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”.

Esta pesquisa teve início em setembro de 2014, tendo como foco compreender as práticas de planejamento e as concepções de criança e educação infantil implícitas nas práticas de professores de Educação Infantil da rede municipal do Rio de Janeiro.

Faz-se necessário entender que os resultados obtidos na pesquisa possibilitarão refletir sobre os conhecimentos adquiridos, levando-nos a enxergar de forma significativa a nossa prática enquanto docentes.

A pesquisa teve cunho qualitativo, pois de acordo Minayo

A pesquisa qualitativa preocupa-se com uma realidade que não pode ser quantificada, respondendo à questões muito particulares, trabalhando com um universo de significados, crenças e valores e que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que podem não ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO,2001, p.21)

A pesquisa qualitativa é baseada na obtenção de dados de um determinado grupo estudado, e se dá através de um processo de interação, reflexão e atribuição de sentidos entre este grupo e o pesquisador, possibilitando melhor conhecimento do objeto de estudo.

A coleta de dados foi dividida em duas fases: primeiramente, uma pesquisa bibliográfica, que forneceu o embasamento sobre o assunto com consulta a livros, periódicos e artigos em geral. E na segunda fase foi realizada uma pesquisa de campo com entrevista semi estruturada que, segundo Lüdorf (2004, p 91) “possui questões chaves que permitem uma certa abertura no momento da interação.” Nas entrevistas foi possível observar e registrar reações, complementar informações e conhecer opiniões e posicionamentos dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa foram cinco professoras de Educação Infantil da rede municipal do Rio de Janeiro, sendo que duas trabalham em uma creche e uma trabalha em um CIEP, ambos situados em Campo Grande; uma trabalha em um EDI (Espaço de Desenvolvimento Infantil) em Bangu e outra professora trabalha em um EDI em Pedra de Guaratiba, bairros situados na zona oeste do Rio de Janeiro.

O roteiro da entrevista é constituído em dezesseis questões que buscam entender como essas cinco professoras realizam seu planejamento e qual concepção de educação infantil emerge das suas atitudes perante esse trabalho de planejar. As entrevistas foram realizadas nos meses de fevereiro e março de 2015, de acordo com a disponibilidade das entrevistadas, e sempre em seus ambientes de trabalho.

Esse trabalho está dividido em dois capítulos: no primeiro capítulo é feito um breve histórico sobre a Educação Infantil e suas concepções, também busco conceituar o planejamento pedagógico e relaciono os tipos mais comuns de planejamento utilizados na Educação Infantil. Ainda nesse capítulo e, de acordo com a bibliografia estudada, sugiro algumas atitudes para os professores diante do planejamento. No segundo capítulo é feita a análise das entrevistas que permitiu uma melhor compreensão das questões do estudo.

CAPÍTULO 1

A EDUCAÇÃO INFANTIL E OS SENTIDOS DO PLANEJAMENTO

A Educação Infantil no Brasil, atualmente, é um direito das crianças garantido desde o nascimento e estendido a todas as classes sociais. Contudo, nem sempre foi assim. Ela surgiu para suprir uma necessidade das mães trabalhadoras que precisavam de instituições que cuidassem das crianças pequenas enquanto trabalhavam, tendo estas instituições um caráter meramente assistencial, pois focavam o cuidado com a saúde e higiene das crianças com profissionais sem formação pedagógica.

Por meio de lutas da sociedade civil e de instituições governamentais pela redemocratização da sociedade, com a Constituição de 1988 a Educação Infantil passou a ser promulgada como um dever do Estado, uma opção da família e um direito da criança.

Mas foi com a Lei de Diretrizes e Bases n. 9394/96 que a Educação Infantil passou a constituir a primeira etapa da Educação Básica, juntamente com o Ensino Fundamental e Médio, tendo seu caráter educacional reconhecido, e ampliando seu espaço dentro do sistema educacional.

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. [\(Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013\)](#)

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

- I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;
- II - pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade.

Assim, os profissionais de Educação Infantil ganharam mais legitimidade e a Educação Infantil passou a ser objeto de planejamento, legislação e de políticas sociais e educacionais. Esses foram os primeiros passos de uma longa caminhada rumo a uma concepção de instituição de educação infantil com caráter pedagógico.

Portanto, por ser responsabilidade do Estado, ele deve atender a demanda por creches e pré-escolas públicas e gratuitas e, principalmente, garantir a qualidade dessas instituições, não apenas qualidade de infraestrutura, mas também de profissionais, de gestão e do atendimento, ou seja, garantir instituições de educação

Infantil com função pedagógica, tendo um trabalho que leve em consideração a realidade e os conhecimentos das crianças como ponto de partida, ampliando-os através de atividades que tem significado para suas vidas e, concomitantemente, assegurem a aquisição de novos conhecimentos.

Outro caráter atribuído a Educação Infantil, principalmente à pré-escola, é de preparação para o ensino fundamental. Essa perspectiva se assenta numa visão de educação infantil com objetivo de escolarização, reproduzindo práticas que valorizam a reprodução de conteúdos e métodos próprios do ensino fundamental, sem considerar as especificidades das crianças pequenas.

A primeira infância é uma fase importante no desenvolvimento da criança. É nessa fase que ocorre o crescimento físico, o amadurecimento do cérebro, a aquisição dos movimentos, a aquisição da linguagem, o desenvolvimento da capacidade de aprendizado, a iniciação social e afetiva, e muitos outros aspectos. Todos esses aspectos estão interligados entre si e influenciados pela realidade na qual a criança vive, devendo-se focar em uma proposta de trabalho que valorize o processo educativo relacionado ao lúdico, buscando o desenvolvimento integral e respeitando a criança como sujeito do seu conhecimento, com suas singularidades e especificidades.

Para que a instituição de educação infantil seja um ambiente de valorização da criança, é importante que sejam pensadas propostas para crianças pequenas e não transformar e adaptar o que é pensado para crianças maiores. Por isso, é preciso que o educador nesse segmento se preocupe com a organização e planejamento das atividades pedagógicas, refletindo a criança e suas possibilidades, pois, como afirma Corsino (2009, p. 42),

Os princípios e estratégias para a construção de um trabalho com crianças em creches e pré-escolas expressam valores, por isso, estes devem ser expressos, tal como os seus objetivos: conhecer o ponto de partida e construir o ponto de chegada.

Refletindo sobre essa questão, nota-se a importância da reflexão dos profissionais de educação infantil sobre o seu trabalho e as concepções de criança e educação que o norteiam. É através da reflexão sobre as crianças e o que as constitui nas diferentes faixas etárias, culturas, modos de se relacionar, que se construirá uma interação com elas respeitando-as em suas diferenças, propiciando

conhecimentos e experiências significativas a elas e aos docentes também, contribuindo para a construção de um espaço de Educação Infantil que tem a criança como sujeito das suas descobertas e interações.

A necessidade de planejar existe em todas as etapas da educação, visto que quando se fala em processo de aprendizagem, ele precisa ser planejado com qualidade e intencionalidade, e de acordo com Fusari (apud OSTETTO, 2000, p.177) "planejamento é uma atitude crítica do educador perante seu trabalho docente", ou seja, um planejamento de qualidade requer reflexão do professor sobre suas práticas pedagógicas, tendo como auxílio a avaliação.

No entanto, na realidade educacional em geral, o planejamento tem sido burocratizado, visto por muitos professores como uma forma de controle. Sendo assim, seu sentido acaba se limitando a um documento em que o professor descreve todas as atividades pedagógicas da semana, o qual é entregue ao coordenador e guardado no arquivo da instituição; ancorando o professor no caso de alguém querer fiscalizar ou duvidar de seu trabalho.

O planejamento pedagógico surgiu como um instrumento de trabalho do professor, pois é impossível realizar um processo pedagógico sem planejar visto que há intencionalidade. No planejamento, o professor pensa antecipadamente as ações para atingir determinados objetivos, portanto é uma ferramenta que auxilia a ação docente.

Na educação infantil as crianças têm a oportunidade de ampliar suas experiências através das relações e interações que estabelecem com os adultos, com as crianças e com o mundo que as envolve. Ou seja, há o compromisso com o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, sendo necessário esse trabalho ter um caráter de intencionalidade e sistematização, surgindo o planejamento como a ferramenta mais útil para organizar esse trabalho docente.

O planejamento, nessa etapa, permite ao professor pensar como pode enriquecer as experiências das crianças, permitindo ampliar suas possibilidades de produzir significados. Como afirma Ostetto, planejar é "... elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, interação, de experiências múltiplas e significativas para com o grupo de crianças" (OSTETTO, 2000, p.177).

Portanto, é no planejamento que o professor explicita sua intencionalidade pedagógica, nele é possível explicar e compreender os motivos para seleção das

atividades, dos materiais, das brincadeiras, as formas de realização, ou seja, o professor traça, programa, enfim, reflete sobre suas ações do cotidiano e documenta a sua proposta de trabalho. Isso é planejamento.

Considerando as formas mais comuns de planejamento existentes na Educação Infantil, Ostetto (2000) relaciona algumas que são mais recorrentes, as quais passarei a abordar a seguir.

1.1 Tipos mais comuns de planejamento na educação infantil

São cinco os tipos de planejamentos expostos por Ostetto (2000). Neles, a autora nos leva a refletir, especialmente, que concepções de criança, de educação e de conhecimento estão implícitas nessas propostas.

a) Planejamento baseado em listagem de atividades

Nesse tipo de planejamento, o professor organiza diferentes atividades para realizar durante os espaços de tempo entre a rotina (alimentação, sono, banho), havendo uma preocupação em ocupar as crianças com as atividades e não com o desenvolvimento delas. Esse planejamento demonstra uma concepção de educação infantil sem princípio educativo e pedagógico, apenas de atendimento às necessidades das crianças, e na qual as mesmas são vistas como seres passivos, que não se expressam e não tem suas singularidades.

b) Planejamento baseado em datas comemorativas

A organização é a mesma da anterior, o professor seleciona várias atividades, só que, nesse caso, elas são baseadas em algumas datas comemorativas importantes para o professor/instituição. Geralmente, as datas comemorativas elencadas para subsidiar o planejamento são as que o professor considera mais “fáceis” para criar atividades para a turma ou que ele considere mais importantes, porém, sem uma reflexão sobre os fins ideológicos que se articulam às datas trabalhadas, porque de trabalhar algumas e não outras e se elas estão adequadas ao contexto da instituição e das crianças. Geralmente, essas datas são repetidas na maioria das instituições, sem uma reflexão sobre elas. Além disso, esse tipo de planejamento transpassa uma ideia de conhecimento fragmentado, onde não há

ligação e nem continuação entre os temas propostos, desvalorizando a intencionalidade educativa, a criança, sua visão de mundo e realidade também.

c) Planejamento baseado em aspectos do desenvolvimento

Esse tipo tem como parâmetro a psicologia do desenvolvimento. Há uma preocupação com o desenvolvimento infantil por áreas, sendo organizado com objetivos que gerem atividades para estimular as crianças nessas áreas, ou seja, o professor planeja atividades de acordo com objetivos definidos para cada área de desenvolvimento infantil. A autora destaca que esse planejamento, comparado com os demais, ainda é superior quanto aos propósitos educativos, visto que há uma preocupação com a criança e seu desenvolvimento. Contudo, ele ainda expressa uma visão de criança fragmentada por áreas de desenvolvimento e menospreza os conhecimentos e experiências culturais das crianças.

d) Planejamento baseado em temas (tema integrador, tema gerador, centros de interesse, unidades de experiência)

Nesse tipo, as atividades são geradas a partir de temas que podem ser escolhidos pelo professor, dos interesses e sugestões das crianças ou surgir de situações vivenciadas no cotidiano do grupo. A partir do tema escolhido, o professor delimita quais conteúdos são significativos para a turma e prevê uma sequência de atividades articuladas entre si. Porém, existem professores que confundem articular as atividades/conhecimento com listagem de atividades sobre o tema, se preocupando em apenas realizar as atividades e não com os conhecimentos que serão gerados com ela.

e) Planejamento baseado em conteúdos organizados por áreas de conhecimento

Esse tipo de planejamento é baseado em conteúdos oriundos das principais áreas de conhecimento: língua portuguesa, matemática e ciências sociais e naturais, ou seja, o professor desenvolve atividades de qualquer tema, desde que se enquadre dentro dessas áreas de conhecimento escolar. A educação infantil é vista como uma preparação para a escola e há uma preocupação em transmitir o conhecimento, sendo a criança apenas um aluno, que tem obrigação de aprender,

muitas vezes, conteúdos completamente sem sentido para elas, esquecendo-se das especificidades da educação infantil.

Ao refletir sobre esses tipos de planejamento nota-se que no planejamento é importante pensar os princípios que embasam a organização do mesmo. Os dois primeiros tipos relatados anteriormente ainda deixam de lado o princípio educativo da educação infantil, pois apenas se importam em ocupar o tempo do grupo de crianças com atividades, secundarizando os demais momentos da rotina e desvalorizando as experiências das crianças. Portanto, eles possuem uma concepção de educação infantil baseada no assistencialismo, focando ainda nas necessidades e cuidado das crianças, sem se preocupar em tornar significativas suas experiências no interior da creche.

A função da educação infantil vai além dos cuidados básicos das crianças, pois essa faixa etária é marcada pelo desenvolvimento social, intelectual e emocional, sendo a educação infantil responsável por contribuir para desenvolver as crianças em todas essas dimensões por meio de atividades, brincadeiras, interações e aprendizagens organizadas e orientadas para isso.

No terceiro e quarto tipos de planejamento nota-se que há uma preocupação com o interesse e desenvolvimento da criança e também pela sua participação, mas não considera que o trabalho deve ter como ponto de partida os conhecimentos e a realidade infantil. Também desconsidera que as crianças são diferentes, tendo cada uma seu ritmo de aprendizagem e desenvolvimento, cabendo ao professor conhecer as características, o jeito da criança de ser e estar no mundo.

E o quinto tipo de planejamento abordado busca alcançar definitivamente o princípio pedagógico, mas o pedagógico igual ao ensino fundamental, focado na aprendizagem dos conteúdos, ou seja, o importante é o professor ensinar os conhecimentos divididos por áreas fragmentadas entre si e geralmente sem ter sentido para as crianças.

Com isso surge a pergunta: Como alcançar o princípio pedagógico no planejamento na Educação Infantil sem focar só na atividade dirigida e sem transformá-la em um mini ensino fundamental?

1.2 Planejar não é apenas um simples ato, é um compromisso que requer atitude

De acordo com Ostetto

Não adianta ter um “planejamento bem planejado”, se o educador não constrói uma relação de respeito e afetividade com as crianças; se ele toma atividades previstas como momentos didáticos formais, burocráticos, se ele apenas age/atua mas não interage/partilha da aventura que é a construção do conhecimento para o ser humano. (OSTETTO, 2000, p.190)

O princípio pedagógico no planejamento está relacionado com isso, com a construção do conhecimento que ocorre em todo o cotidiano dentro da instituição, pois não é apenas no momento de atividade dirigida que a criança aprende, ela aprende também na hora do banho, da alimentação, da troca de roupa e/ou de fralda, na disputa por um brinquedo, ou seja, nas diversas interações que estabelece ela vai ampliando seus conhecimentos, ações e suas experiências.

E o planejamento depende do professor, da sua formação, do seu compromisso com a criança. Quando ele está pensando na criança e em suas relações com o mundo, quando valoriza o envolvimento emocional e afetivo, quando valoriza o brincar, as interações e as linguagens, quando respeita as diversidades, mas busca construir a identidade do grupo, ele planeja permitindo que seja proporcionado experiências diversificadas e enriquecedoras para as crianças.

Outro ponto importante relacionado ao planejamento é a coletividade, pois a organização e a responsabilidade do trabalho na Educação Infantil envolvem, além das crianças e docentes, as famílias, profissionais, comunidade e direção que, juntos, formam a instituição de educação infantil e devem lutar para que seu papel social seja efetivado. Para isso, faz-se necessário pensar nas diversas interações diárias, conhecer a realidade da comunidade onde a instituição está inserida para que o planejamento esteja de acordo com as suas necessidades.

Percebe-se, com isso, que a característica crucial do planejamento é a intencionalidade educativa que envolve organizar o tempo, o espaço, a rotina, as interações, as brincadeiras, visando propiciar que as crianças pequenas se desenvolvam em suas diversas capacidades. Também é importante permitir que as crianças participem do planejamento, dando opiniões, sugestões, deixando que

tenham conhecimento e controle sobre o que vão realizar, sendo sujeitos da sua aprendizagem.

Ao refletir sobre o planejamento, nota-se que ele é imprescindível em um espaço de Educação Infantil, pois ele contribui na definição de objetivos que atendam os reais interesses e necessidades da turma, proporciona mais segurança para o professor evitando repetições e improvisações constantes e oferece experiências significativas para as crianças.

Baseada nos estudos e reflexões que venho construindo a partir de alguns autores (OSTETTO, 2000; CORSINO, 2012), indico as seguintes atitudes para orientar os professores:

- Reflexão sobre seu papel e compromisso com as crianças:

É importante que o professor pergunte a si mesmo: qual meu papel na vida dessas crianças? O que eu quero para elas? Que tipo de criança, ser humano quero construir via processo educativo? Quais são os ideais políticos e pedagógicos que embasarão meu trabalho?

As respostas a essas questões permitem que o professor direcione todo o seu trabalho e atendimento às crianças pequenas, pois, de acordo com a concepção de infância, de criança, de conhecimento que ele acredita, ele orientará sua prática pedagógica visando às especificidades da Educação Infantil.

- Ouvir e observar as crianças com bastante atenção:

Corsino (2009, p.117) afirma que “planejar inclui escutar a criança para poder desenhar uma ação que amplie as suas possibilidades de produzir significados”. Assim, as crianças devem ser a referência para elaboração do planejamento, e por isso, é preciso acompanhar o desenvolvimento delas, não só apenas “escutar com os ouvidos”, mas sim com todos os sentidos; entender como constroem o conhecimento, observar os momentos de interação e brincadeiras, suas formas de linguagem, ouvir suas falas, perceber gestos e expressões que podem revelar desejos, sensações sobre si mesmas e o ambiente em que vive. Sendo importante o professor registrar essas observações, pois através delas ele terá conhecimento das aprendizagens e dificuldades das crianças, ou seja, o professor, percebendo as

curiosidades, os interesses, sentimentos e necessidades do grupo, pode pensar e enriquecer suas ações.

- Planejar a partir dessa escuta e observação:

Com as atitudes anteriores chega o momento de o professor perguntar a si mesmo: Aonde eu quero chegar com essa turma? O que ela precisa? O que é possível fazer? E, tendo como parâmetro o RCNEI/1998 (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil), "isso significa que o professor deve planejar e oferecer uma gama variada de experiências que responda, simultaneamente, às demandas do grupo e as individualidades de cada criança". (RCNEI, 1998, p.32)". Com o rico material observado, o professor deve pensar estratégias, criar objetivos e planejar atividades adequadas ao desenvolvimento das crianças. Ele organiza o tempo e o espaço, visando ampliar as interações, experiências sensoriais, linguagens, brincadeiras, o contato com a arte, oportunizando novos desafios a partir do que a criança já sabe, contribuindo assim para o seu desenvolvimento integral.

- Compreender que planejamento é proposto e não imposto:

Mesmo que o planejamento esteja ótimo, muito bem planejado de acordo com a realidade da turma, ele deve ser flexível, pois imprevistos acontecem e situações diferentes podem surgir, e como afirma Corsino, (2009, p.118), "é no confronto com o outro – adultos e crianças – que o planejamento pode ir complementando-se e ganhando novos contornos". Portanto, o professor prevê ações e atividades, evitando o imprevisto, mas permite o imprevisto, porque quando compartilha com o grupo, ainda mais na educação infantil, podem surgir situações inesperadas. Mas esses imprevistos não devem ser vistos de forma negativa e nessa hora o professor precisa ser capaz de interpretar e organizar as condições do momento, a partir das reações das crianças e de seus objetivos.

- Registrar para avaliar e (re)planejar:

Depois de planejar e executar o planejamento, é importante, tanto para o professor quanto para a criança, fazer um registro das observações e interações durante o trabalho realizado. Ao registrar, é possível o professor ter melhor

percepção do processo de desenvolvimento das crianças, seus limites, conquistas, progressos, significados, e refletir como intervir, sendo ponto de partida para o próximo planejamento, dando continuidade ao que foi proposto.

O registro também possibilita ao professor repensar sua prática pedagógica, replanejar tentando novos caminhos e revendo novas possibilidades, portanto, o professor, ao interpretar seus registros, precisa de um olhar sensível que o faça refletir sobre suas decisões, adequar seu trabalho às reais necessidades e interesses das crianças e crescer profissionalmente.

CAPÍTULO 2

ANALISANDO AS ENTREVISTAS: COMPREENDENDO O PLANEJAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo discuto os resultados da pesquisa que foram obtidos através das articulações entre as informações coletadas por meio das entrevistas e o referencial teórico adotado neste trabalho, com o intuito de atingir os objetivos propostos.

Foram entrevistadas cinco professoras de Educação Infantil de diferentes instituições da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, que serão nomeadas de P1, P2, P3, P4 e P5 e, através dos dados coletados com a entrevista, foi possível agrupar as questões importantes em quatro eixos que serão discutidos a seguir.

a) A relação entre a formação do professor e o planejamento

Nesse item busco entender como a formação dessas professoras influencia ou não no seu modo de planejar, no seu modo de pensar o planejamento, e para isso, primeiro busquei conhecer a formação das entrevistadas e há quanto tempo trabalham com Educação infantil, como no seguinte quadro:

	Formação	Tempo de trabalho com Educação Infantil
P1	Técnico em Enfermagem/ Formação de Professor – Normal (2006)	6 anos (3 anos como agente auxiliar e 3 anos como professora)
P2	Formação de Professores- Ensino Médio Normal (2006)	8 anos
P3	Normal/ Graduação em Pedagogia (2002)	18 anos

P4	Formação de professores- Normal /Graduação em letras (2003)/ Pós em Literatura(2007)	9 anos
P5	Graduação em Pedagogia (2006)/ Pós em Educação Infantil	8 anos

Quadro 1, fonte: elaborada pela pesquisadora

Posteriormente, questionei sobre como foi abordado o tema planejamento nessa formação. As entrevistadas P1 e P4 relataram ter sido pouco abordado e que não se lembravam de nada; já a P2 disse ter sido abordado como algo de grande importância para o bom desenvolvimento do trabalho com educação infantil, pois permite organização e praticidade. Nota-se que nenhuma dessas tem formação em nível superior no curso de Pedagogia.

A entrevistada P5 disse não ter sido abordado o planejamento específico para a EI, mas que estudou muito sobre a importância de, antes de planejar, pensar no cidadão que vai formar, devendo partir da vida da criança. Ainda relata que, em sua formação, o planejamento foi abordado em linhas progressistas, que parte de uma análise crítica da realidade.

Como essa entrevistada afirma não haver tido, em sua formação, uma abordagem específica sobre planejamento na educação infantil, visto que a mesma tem especialização em educação infantil? Será que isso indica que esse não tem sido um tema relevante nos curso de formação da área? Será que a pouca presença desse tema nos curso de formação tem a ver com a pouca produção em torno do tema na área da educação infantil? Quais outros fatores contribuem para essa desconsideração desse tema na formação de professores?

A entrevistada P3, que tem maior tempo de trabalho na área, respondeu que não se lembrava de quase nada, mas que desde o Normal é abordado o planejamento diário e semanal. Nas suas palavras:

"É só com a prática mesmo que vamos entendendo qual é o processo e a necessidade dos alunos. Porque às vezes você planeja uma coisa e não acontece daquele jeito e você vai vendo que

as necessidades deles, muitas vezes, não é a mesma que os objetivos que você traçou.”

Sua fala vai ao encontro das Orientações Curriculares para a Educação Infantil (2010), um documento elaborado pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, que afirma:

A organização cuidadosa do espaço deve ser seguida da observação de seu efeito sobre as interações e o brincar, pela avaliação da sua eficiência em relação aos objetivos pretendidos e, se for o caso, pela realização da modificação adequada, seguida de nova observação e avaliação. Fazer, avaliar e refazer. (p. 12)

Portanto, o educador tem a função de, no seu cotidiano com as crianças, na sua relação e interação com elas identificar necessidades, desejos e realizar atividades significativas de aprendizagens e administrar, pelo planejamento, o uso pedagógico de diferentes recursos, tempo e espaços de acordo com as demandas infantis.

Quando ouvia a fala da P3 pensava que ela estava desmerecendo a formação e valorizando só a sua vasta experiência no trabalho com a Educação Infantil, mas pude perceber que ela trouxe um ponto importante a ser pensado: mesmo ela não se lembrando com clareza do que aprendeu sobre planejamento no curso de formação, ela mostra uma visão de planejamento que pensa primeiramente as necessidades reais da criança. Portanto, fez perceber que a teoria e a prática capacitam o professor, pois permite que ele contextualize, a partir de sua experiência, vários aspectos, podendo assim também reelaborar seus próprios conhecimentos.

E ao perceber isso comparei sua fala com a da P1, a qual confessou que nunca pensou e quis ser professora, e que por ter passado no concurso para agente auxiliar e se estabilizar financeiramente resolveu prosseguir e se tornar professora. Penso que é importante refletir sobre a desvalorização desse trabalho com as crianças que (des)profissionaliza a profissão quando os concursos não exigem formação, o que abre margem para que a escolha por esse trabalho se relacione mais à necessidade de se inserir no mercado de trabalho, do que em seguir uma profissão escolhida conscientemente e a qual o profissional investe na formação.

Esse descaso do poder público e a desvalorização desse trabalho respingam

na qualidade do trabalho e na falta de intencionalidade nas ações desenvolvidas junto às crianças. É preciso considerar que, muitas profissionais, como pode ser o caso da P1, escolhem a profissão porque acaba sendo uma possibilidade viável dentro de suas condições de vida que, geralmente, clamam por uma urgência de se inserir no mercado de trabalho e ter estabilidade financeira. Esse possível “perfil” dos professores de educação infantil também pode ter relação com a falta de identificação e desempenho na profissão.

b) A relação entre a prática de planejamento e as concepções nele implícitas

Neste item busco compreender como as professoras planejam, tentando entender esse processo, seu significado para elas e saber quais os tipos de planejamento, segundo definição de Ostetto (2000), são mais usados.

A entrevistada P1 alegou que quase não faz planejamento, pois não há tempo. Mas, na sua instituição, as professoras usam uma tabela padrão que já vem com a rotina, apenas encaixam as atividades nos espaços definidos nessa tabela. Por exemplo, depois do café da manhã há um espaço para realizar alguma atividade dirigida. Assim, a professora escreve a atividade e seu objetivo, construídos a partir do conteúdo que está no projeto e nos objetivos encontrados naquele documento Orientações Curriculares para a Educação Infantil (2010), citado anteriormente. Segundo a mesma professora, “Planejar é chato, ruim, eu gosto de ver o interesse da turma, eu aproveito o que está acontecendo na turma e tenho aquele estalo e penso: vai ser legal fazer isso, eles vão gostar. Aí que vou pegar a atividade e fazer” (P1).

Conforme diz Hoffman (2012), o professor deve sim respeitar e valorizar as crianças, suas ações e reações, pensamentos, sentimentos para poder planejar atividades que atendam às necessidades e interesses das próprias crianças, porém, “a ação educativa não se efetiva pela improvisação. É essencial a intencionalidade educativa do professor, agindo, analisando e (re)planejando os próximos passos.”(HOFFMAN, 2012, p.69)

Ou seja, a P1 percebe na sua turma os interesses, porém, parece que ela apenas vê o que as crianças gostam, pensa atividades com o único objetivo de

satisfazer o gosto das crianças. Ela parece não estabelecer uma relação entre o que as crianças querem e o que elas precisam ou têm direito de aprender e, assim, as experiências e aprendizagens das crianças não se ampliam.

Ostetto (2003) debate sobre os gostos e preferências das crianças, afirmando que os gostos tem relação com o sujeito, suas histórias e práticas culturais. Contudo, a autora defende que, em uma instituição de educação infantil a função do ato pedagógico não é apenas reproduzir o que as crianças já fazem em outros espaços educativos, como na família, mas é ir além do que gostam e fazem, ampliando suas referências culturais. É também acolher e colocar em contato os diferentes gostos e práticas culturais das crianças.

Significa, portanto, saber ouvir o outro, num exercício de interlocução, buscando a compreensão do que está sendo dito em gestos, palavras, atitudes para então colocar em relação os significados emergentes, permitindo a reconstrução de sentidos. (OSTETTO, 2003, p.14)

Portanto, o professor deve possibilitar a relação entre os gostos, provocando o encontro e o debate de sentidos e significados, ou seja, ele deve abrir portas ao desconhecido, permitir o confronto do que a criança conhece com o novo, colocando a sua disposição o contato com a diversidade cultural existente.

A P2 também relatou planejar de acordo com o tema do projeto e, buscando atingir objetivos previamente estabelecidos no projeto bimestral, procura sempre trabalhar atividades necessárias ao desenvolvimento cognitivo e social. Ela também comentou: *"sempre lembrando que o planejamento é flexível e pode ser modificado de acordo com a necessidade e interesse dos alunos"*. Os princípios que norteiam a elaboração do seu planejamento são baseados nas Orientações Curriculares para a Educação Infantil (2010), pois segundo a mesma, permite planejar de maneira mais significativa.

Ao refletir a fala desta professora nota-se que ela utiliza, segundo Ostetto (2000), o tipo de planejamento baseado em temas, com temas escolhidos previamente pelas professoras e equipe pedagógica, a partir dos quais surge uma sequência de atividades, guiando o que será desenvolvido. E mesmo o tema guiando o trabalho pedagógico, a entrevistada mostrou ter uma atitude importante referente ao planejamento: perceber as necessidades e interesses de cada criança e

mudar o que foi planejado, indo ao encontro do que indica Corsino (2009, p.119) “Nessa tensão entre o previsível e o imprevisível cabe ao professor ficar atento às negociações, ao que precisa ser retomado, às necessidades do grupo e de cada criança individualmente”. Portanto, o professor não deve se prender somente ao tema no seu planejamento, devendo também estar atento ao que a criança questiona e explora para promover aprendizagens mais significativas a elas. Outra questão importante que podemos refletir com base na resposta dessa entrevistada, se refere a quem e como são decididos os temas dos projetos.

Hoffman (2012) afirma que o primordial do planejamento por meio de projetos pedagógicos é proporcionar uma aprendizagem significativa para as crianças, portanto, os projetos devem surgir das demandas da criança e não do adulto, o professor deve organizá-lo e estabelecer objetivos, mas também é necessário pensar como será tratado esse projeto, visto que todas as crianças devem se interessar e se envolver no trabalho durante todas as etapas, uma vez que a construção do conhecimento ocorre de forma coletiva, no desejo de descobrir, na curiosidade, na interação com os outros e com o meio, devendo o educador, durante o projeto, estimular, mediar, criar situações de aprendizagem que façam as crianças refletirem e se envolverem no processo que estão construindo.

Ao ser questionada sobre o que ela prioriza no seu planejamento, a entrevistada P3 afirmou que prioriza o desenvolvimento de hábitos e atitudes o tempo todo procurando, sempre que possível por meio das atividades, transmitir valores e princípios pois, criando isso, ela consegue alcançar outros objetivos planejados. Ela relatou ser uma dificuldade trabalhar com as crianças dessa instituição, devida a falta de bases morais e a família que não ajuda em casa. Afirma que muitas crianças não conseguem sentar, ouvir uma história, não respeitam os amigos e nem as educadoras e, por isso, em seu planejamento, ela foca nessa questão de hábitos e valores.

Ao refletir sobre esta dificuldade da professora de trabalhar com crianças e famílias de classes populares, é necessário lembrar que o processo de socialização inicia-se na infância, no qual ela passa a compreender o mundo por meio das relações humanas. Mas o universo de socialização inicial é determinado pela origem social da criança, baseada no lugar onde ela vive, sua classe social e grupo familiar,

nesse processo ela conhece atitudes e comportamentos dos familiares, regras, normas e crenças praticados e valorizados pelo grupo.

As instituições de educação infantil, creches e pré-escolas, são instituições de socialização, assim como a família, pois proporcionam novas experiências, novas regras e interação com crianças e adultos diferentes que permitirão outra leitura de mundo. A socialização não deve inculcar uma única cultura, valores e saberes e sim permitir que a criança, por meio da relação com o outro, assimile regras, perceba semelhanças e diferenças entre as pessoas, compreenda suas características e se desenvolva como um indivíduo autônomo, crítico e participante da sociedade em que vive. Nesse sentido, questiono: em que medida a socialização desenvolvida nas instituições de educação infantil e nas famílias contribui para a construção de uma sociedade democrática?

Segundo o RCNEI (1998, vol. 2, p. 11), “a instituição de educação infantil é um dos espaços de inserção das crianças nas relações éticas e morais que permeiam a sociedade na qual estão inseridas”. Por isso, é importante que o professor, em seu planejamento, pense nas relações que ocorrem no trabalho educativo, pois é na interação social, tanto com outras crianças e com adultos, que elas desenvolvem sua identidade, reconhecem o outro e percebem diferenças entre as pessoas, devendo o professor criar condições para isso, para elas refletirem sobre suas ações consigo mesmo e com os colegas e para “conhecerem, descobrirem e (re)significarem novos sentimentos, valores, ideias, costumes e papéis sociais.” (RCNEI, 1998, vol. 2, p 11). As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), também indicam os princípios éticos que devem ser respeitados nas propostas de Educação Infantil, “da autonomia, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e as diferentes culturas, identidades e singularidades.”(p16)

Em relação à estruturação do seu planejamento, a P3 explicou que ela e as outras educadoras da instituição criaram uma tabela semanal para organização do planejamento, onde descrevem todas atividades de cada dia, mas que não tem uma ordem. Vejamos:

“Se na semana eu estou trabalhando o tema Água, eu listo uma serie de atividades relacionadas ao tema por dia, mas caso um dia eu vejo que aquela atividade não vai ser possível de ser realizada, eu troco por uma de outro dia, ou

se vem uma atividade nova na minha cabeça na hora eu faço, mas não volto pra escrever na tabela. E se eu percebo que posso abordar outro tema relacionado a Água que não foi pensado na hora do planejamento, eu faço as atividades, mas não coloco no papel" (P3).

Percebe-se que seu planejamento é baseado em temas e com listagem de atividades. Ela realiza o planejamento escrevendo as atividades que pretende fazer em sala, mas na hora de realizá-las, faz algumas modificações. Entretanto, o que não ficou claro é se essa flexibilização do planejamento é feita para conseguir dar conta do tema, para ocupar as crianças com atividades ou se está priorizando os reais interesses e ritmos das crianças.

Quando o professor planeja, ele deve pensar nas crianças que ele tem, nas suas reais características e não planejar pensando apenas em deixar o trabalho pedagógico de acordo com o tema do projeto da instituição. Por isso, é importante ressaltar que o planejamento é reflexão. É claro que no início tem que tomar como ponto de partida os projetos pedagógicos ou temas que interessem a todas as crianças, mas a continuidade se dará de acordo com a observação e reflexão dos questionamentos, das expressões, dos interesses pelo que está sendo proposto.

Quando um professor não respeita e valoriza as crianças em suas reações, estratégias e pensamentos, elas é que precisam se adequar à continuidade do pensamento dele, ao seu ritmo, ao seu tempo e à sua vontade. (HOFFMAN, 2012, p. 68).

A P4 relatou que planejamento para ela é muito importante porque norteia a seguir um roteiro e não se perder, fazendo com que o trabalho se torne mais sério e mais objetivo, mas afirmou que ele também precisa ser prático, por não haver tempo para planejar. Na entrevista com a P4 notei que ela se mostrou muito tranquila com a questão do planejamento, diferente das outras entrevistadas, nas quais percebi que sempre quando apresentava o assunto da entrevista, elas mudavam a postura e a expressão facial, demonstrando ser um tema que não as agradava muito comentar.

Segundo a entrevistada P4, na instituição de trabalho não há uma folha padrão para as professoras e ela realiza o planejamento semanalmente, priorizando a prática e a aprendizagem das crianças; se baseia no desenvolvimento da turma

para propor atividades e estrutura o planejamento relatando em um parágrafo de cinco a dez linhas todas as atividades pedagógicas do dia, os objetivos e quais áreas do conhecimento privilegiam. Também comentou que busca sempre diversificar materiais, fugindo das “folhinhas prontas”, utilizar brinquedos de sucata e materiais recicláveis, como tampas de garrafa pet para trabalhar as cores, colherzinha de sorvete, rolo de papel higiênico, bambolês etc.

Ao relacionar seu modo de planejar com os tipos de planejamento de Ostetto (2000) percebe-se um mix entre o planejamento baseado em aspectos do desenvolvimento, por ela mostrar uma preocupação com o nível de desenvolvimento da turma, e o planejamento baseado em conteúdos organizados por área do conhecimento, por ela determinar no seu planejamento a quais áreas as atividades estavam relacionadas.

É importante retomar o pensamento de Ostetto (2000) que mostra o cuidado que o professor deve ter ao pensar nos níveis e aspectos do desenvolvimento infantil, pois não há um padrão normal de desenvolvimento, as crianças se desenvolvem de forma diferente, cada uma no seu tempo. É importante sim conhecer o desenvolvimento da turma, mas sem generalizar, sendo muito importante também conhecer os aspectos individuais do desenvolvimento de cada criança e como elas constroem o conhecimento.

Ostetto (2000) ressalta também o cuidado que o professor deve ter ao basear seu planejamento em conteúdos organizados por áreas de conhecimento, para não ficar preso em alcançar os conteúdos e conhecimentos relacionados a uma determinada área e se esquecer de valorizar a construção do aprendizado pelas crianças e sua relação com as experiências.

A entrevistada P5 também afirmou que o planejamento é um norte, mas um norte que pode ser modificado, sendo mais um ponto de partida. Seu planejamento é semanal, feito em uma tabela elaborada por todas as professoras da instituição na qual trabalha, onde ela, a partir do projeto anual e de algumas datas comemorativas elabora atividades. Mas me explicou que, quando coloca o tema para as crianças, ela se baseia na voz delas, e no que foi observado durante outras atividades, portanto, ela planeja fazendo uma relação dos temas obrigatórios com os questionamentos das crianças sobre esse tema e observações de trabalhos anteriores. Ela prioriza atividades em que as crianças se coloquem mais, se

expressem, sendo a maioria das atividades feitas na rodinha e, sempre que possível, ela volta no planejamento e muda a atividade.

O planejamento por datas comemorativas é feito baseado no calendário, e Ostetto (2000) afirma que neste tipo de planejamento são realizadas atividades referentes às datas tidas como importantes de acordo com o que professor ou a direção pensa ser relevante para as crianças.

Apesar de trabalhar com datas comemorativas fechadas e definidas pelo calendário e pelos adultos, a professora P5 também indica que ouve as crianças para planejar. Essa atitude de ouvir as crianças, coincide com a reflexão de Ostetto: “A escuta torna-se hoje, o verbo mais importante para pensar e direcionar a prática educativa.” (OSTETTO, 2000, p.8), pois no planejamento da ação pedagógica na Educação Infantil, a escuta e sua posterior reflexão e valorização torna-se um guia para mudanças e experiências significativas para as crianças.

E ao analisar todas as questões relacionadas a esse item nota-se um ponto em comum: todas as professoras entrevistadas fazem o planejamento por semana, de acordo com um projeto bimestral ou semestral organizados a partir de um projeto anual. Esta prática das professoras entrevistadas vai ao encontro das ideias do “Caderno Pedagógico: Planejamento na Educação Infantil (2011)”, um documento que faz parte de uma complementação ao documento “Orientações Curricular para a Educação Infantil (2010)”, criado pela Rede Municipal de Ensino da cidade do Rio de Janeiro e busca ajudar os professores de instituições de Educação Infantil no momento de planejar e organizar o seu trabalho pedagógico. Apesar de o documento apresentar algumas orientações importantes para o professor, como a relação com o registro e a avaliação e a importância da participação das crianças, ele parece ter uma preocupação mais prescritiva do que reflexiva, no sentido de se preocupar mais em indicar formas de o professor planejar e organizar a rotina e alcançar metas pré-definidas e menos de levar o professor a reconhecer as concepções que sustentam essas formas. Sentimos falta também desse documento dialogar mais com as Diretrizes Curriculares Nacionais (2009), pois não indica a brincadeira e as interações como eixos a estruturar o planejamento do professor e ele também se preocupa pouco em indicar possibilidades para o planejamento do trabalho com os bebês.

c. As condições para planejar nas instituições de Educação Infantil

As perguntas relacionadas a esse item buscavam conhecer as reais condições de tempo, espaço e pesquisa que o professor tem para planejar suas propostas dentro das diferentes instituições de educação infantil, e pude perceber que causaram em algumas entrevistadas certo desconforto, pois está relacionada a um direito do professor garantido por lei, mas que ainda não é assegurado pelo governo do município.

A atuação do professor na educação infantil é muito mais do que planejar atividades. Para que seu trabalho tenha mais qualidade, ele precisa ter uma boa formação, estar sempre se qualificando, ter tempo para promover situações significativas, tempo para avaliar o desenvolvimento das crianças. A Lei 11.738/2008 estabelece que 2/3 da jornada de trabalho do professor é destinada para o desenvolvimento de atividades de interação com os educandos, sobrando 1/3 destinada à atividades extraclasse, ou seja, por lei, o professor tem um horário fora da sala de aula para realizar atividades de planejamento, avaliação, elaboração do PPP, formação profissional, preparação de atividades, atendimento aos pais etc.

Ao questionar as entrevistadas sobre essa lei, se na instituição que trabalhavam esse horário extraclasse era cumprido ou não, todas responderam que não. A entrevistada P1, que trabalha em creche, relatou que a direção separou um horário para planejamento todos os dias, mas que ela nunca cumpre por conta da rotina e por falta de funcionárias, pois as auxiliares não querem ficar sozinhas com as crianças. Ela aproveita o horário em que as crianças estão dormindo para fazer o planejamento, e por não ter sala de professores na creche, ela geralmente faz nas mesas que ficam no corredor ou em alguma sala vazia.

Já a entrevistada P2, que trabalha na mesma creche da P1, disse que fez um acordo com as auxiliares de que duas vezes na semana sai da sala por uma hora e meia para planejar, e relatou que todas as sextas também há um tempo para as professoras planejarem juntamente com as auxiliares, mas que, por falta de funcionárias, esse horário também não é cumprido.

A P3, que trabalha em uma pré-escola dentro de um CIEP, relatou que não tem auxiliar e que é impossível planejar fora de sala porque não tem como deixar as crianças sozinhas, mas duas quartas-feiras no mês as professoras de Educação

Infantil se reúnem por duas horas e planejam juntas em uma das salas dos grupos da instituição.

A entrevistada P4 alegou que não tem ninguém para ficar com as crianças e que planeja na hora do almoço, e a P5 informou que uma vez por semana tira 1h e 40 minutos para planejar na sala de professores, que é bem pequena, com uma mesa redonda com quatro lugares e uma mesinha com computador.

Ao comparar todas essas respostas, percebe-se que o governo do município não está cumprindo essa lei em benefício do professor, pois não tem obrigatoriedade e necessita de múltiplos recursos para ser cumprida. E não basta apenas a lei determinar a composição da jornada de trabalho do professor, pois, para que essa mudança cumpra plenamente o papel pedagógico que é esperado, deve vir acompanhada de mudanças na organização de tempos, espaços e número de profissionais da instituição.

Também questionei às entrevistadas em relação às fontes de pesquisas que elas utilizam para realizar o planejamento, procurando conhecer em quais materiais elas se baseiam para planejar. A partir de suas respostas, criei o seguinte quadro:

ENTREVISTADAS	FONTES/MATERIAIS DE PESQUISA
P1	Livros, internet e Orientações Curriculares
P2	Revistas de EI e internet
P3	Material pessoal, internet e principalmente experiência.
P4	Professoras antigas e internet
P5	Orientações curriculares

Quadro 2, fonte: elaborada pela pesquisadora

Analisando um pouco esse quadro nota-se que a fonte de pesquisa mais citada foi a internet, o que leva a questionar: o que elas procuram? Seriam sugestões de atividades práticas, sem preocupação com os fundamentos teóricos da prática? Nessa direção, a troca de experiências entre as professoras também é apontada como uma fonte valiosa que auxilia o professor nesse processo de decisão, reflexão e aumento de seu repertório didático. Contudo, esses recursos e pesquisas mais “técnicas” precisam ser refletidas pelo professor para não cair na

armadilha da repetição e da cópia de atividades planejadas para turmas anteriores, desvalorizando a prática de planejamento e a intencionalidade pedagógica.

Planejar necessita pesquisar constantemente, pois é preciso o professor saber tanto sobre as crianças como sobre os conhecimentos do mundo físico-social para atuar como mediador e ampliador de suas experiências e conhecimentos.

Quanto maior for o conhecimento do professor sobre o tema ou problema, maior será a profundidade e a dimensão do projeto. Esse conhecimento não precisa ser prévio, podendo ser construído ao longo do projeto, junto com as crianças por meio de pesquisas, estudos, discussões e assessoria de colegas. Acreditamos que é preciso alertar que há dois tipos de conhecimentos funcionando em um projeto: o conhecimento do professor, que deve possibilitar compreender as crianças com as quais trabalha, conhecer os temas importantes para a infância contemporânea, e também o conhecimento dos conteúdos das disciplinas. O professor precisa ter um repertório suficientemente amplo para que, a medida que surge uma situação, ele possa compreendê-la e organizar-se para encaminhar seus estudos pessoais, assim como o trabalho com as crianças, criando perguntas e desafios. (BARBOSA E HORN, 2008, p.14)

Ao longo das entrevistas percebe-se que as principais dificuldades na construção do planejamento são a falta de tempo e de espaço apropriado para as professoras. Mas, ao questioná-las sobre as dificuldades, além dessas duas que foram citadas por todas as entrevistadas, a P2 também informou que a falta de funcionárias é uma grande dificuldade:

"Não faço meu horário de planejamento porque não é certo deixar uma auxiliar sozinha responsável por 25 crianças. É surreal isso! Sei que o planejamento é importante, mas mais importante é a integridade física dos meus alunos".

Já a P5 levanta mais uma questão: "Outro problema é planejar sem saber qual material tem." Alega que, na instituição, não tem um estoque de material, e sempre precisa comprar materiais por conta própria.

Refletindo sobre essas dificuldades, percebe-se que a criatividade, os recursos humanos, os materiais disponibilizados, os espaços disponíveis e o tempo são fundamentais na tarefa de planejar na educação infantil.

O processo de planejar as ações pedagógicas é um trabalho que precisa de organização. Por ser intencional e voltado para um atendimento educativo de qualidade para as crianças, planejar é trabalhoso e requer tempo: tempo para pesquisar, refletir, organizar a vivência de diversas situações de aprendizagem adequadas ao tempo da criança.

A entrevistada P1 disse que outra dificuldade na hora de planejar é a faixa etária, alegando que é mais difícil encontrar atividades para Educação Infantil que não estejam ligadas apenas a “folhinhas”, e quando encontra alguma interessante sempre é preciso adequar à faixa etária, fazer mudanças que facilitem o entendimento e não há tempo pra isso.

É importante fazer a crítica a essa adaptação, pois não se trata de adaptar brincando, mas de pensar em processos educativos que sejam compatíveis às especificidades das crianças pequenas que envolvem o cuidar e educar em todos os momentos da rotina. Além disso, é preciso lembrar que o melhor meio para a criança pequena se desenvolver é a ludicidade, os jogos, brinquedos e brincadeiras que permitem ela criar seu mundo simbólico, estimula a curiosidade e desafios e aprender com prazer e alegria, pois como afirma Carlos Drummond de Andrade “Brincar com crianças não é perder tempo. Se é triste ver meninos sem escolas, mais triste ainda é vê-los sentados, enfileirados em sala sem ar com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”.

d) A relação planejamento, registro e avaliação.

Os professores buscam planejar atividades que possam ser acompanhadas pelas crianças ou apropriadas a elas, porém, isso é muito difícil, verdadeiramente improvável, pois não saberão a reação delas. E quando a reação é diferente da esperada pelo professor, não significa que a atividade deu errado, pois seja qual for a ação da criança perante a atividade, será sua forma de construção de conhecimento, o seu jeito de explorar aquela experiência.

Mediar a ação educativa significa estarmos sempre buscando sua evolução, dando abertura a essas permanentes possibilidades, conscientes de que nossas expectativas podem não corresponder às formas peculiares e próprias de uma criança responder às situações. (HOFFMAN, 2012, p. 84)

Portanto, o professor precisa estar atento às reações das crianças, observar e registrar o que vê, e depois refletir sobre a forma de pensar, as características e conquistas das crianças, ou seja, avaliar de forma mediadora, acompanhando seu desenvolvimento e sabendo onde intervir e qual ação pedagógica é necessária para ajudar nesse desenvolvimento.

Segundo a mesma autora, a avaliação está presente no dia a dia da educação infantil mesmo sem o professor desejar, na escolha de uma determinada brincadeira, na decisão de trabalhar determinado assunto ou história. O objetivo da avaliação mediadora é investigar os processos evolutivos de pensamento, e não apontar resultados obtidos pela criança. E o registro é uma forma de preservar esse percurso do processo permanente de evolução do pensamento, para que ele possa ser analisado, repensado, gerando novas aprendizagens e pensamentos.

Isso implica que o professor esteja presente no ato avaliativo como pessoa inteira, com sua maneira de pensar e de sentir, e que lance seu olhar sobre as crianças como pessoas inteiras, em permanente aprendizagem. (HOFFMAN, 2012, p. 94)

Pensando nessa questão, as perguntas relacionadas a este item procuram entender como as professoras fazem essa relação entre planejamento, registro e avaliação e entender como as coordenações pedagógicas lidam com o planejamento.

Ao questionar as professoras entrevistadas sobre o registro de vivências, avaliação das crianças e o (re)planejamento, notei que não ficaram muito satisfeitas, algumas ficaram com o olhar meio perdido, mudaram de posição na cadeira e responderam de forma curta e sucinta.

A entrevistada P1 disse que faz um registro breve das atividades realizadas, mas não o utiliza nos planejamentos posteriores; assim como a P3 que também só faz o registro de classe em quatro linhas, afirmando: "A experiência fala mais alto, sabemos o que precisamos abordar no próximo planejamento sem precisar registrar tudo o que aconteceu."

A P2 informou que não faz registro escrito da vivência, apenas em fotos e trabalhos, e a P4 disse que faz o registro, mas que poderia ser melhor se tivesse tempo, e sempre que precisa utiliza para relembrar o que precisa voltar e aprimorar

nas atividades. A entrevistada P5 informou que tem um diário de bordo, onde escreve tudo que aconteceu durante a rotina, falas, expressões e também suas impressões sobre as atividades realizadas.

Apenas duas entrevistadas afirmaram registrar e mostraram que veem um sentido nesse registro no acompanhamento pedagógico de seu trabalho. Mesmo assim, reclamam da falta de tempo como fator que limita na qualidade e na execução desse registro diário.

A despeito da falta de tempo e de condições, o que realmente é um problema muito grave a ser enfrentado, é importante pensar na falta de sentido que as outras entrevistadas demonstraram para o registro. Por que elas não retomam o registro para planejar? Elas apenas o realizam por haver uma cobrança interna? Qual o propósito de registrar e não utilizar o registro como meio de reflexão do seu trabalho docente?

Não há uma maneira certa e única de registrar. O importante é o professor registrar o seu trabalho, seja com fotos, filmes ou diários, e mesmo que seja em um parágrafo, ele deve fazer anotações diárias sobre aspectos individuais e/ou coletivos observados para coletar dados significativos que embasem o seu planejamento e a reorganização do ambiente educativo. Afinal, se na educação infantil o planejamento nasce dos indicativos das crianças na relação com a cultura, seus interesses, necessidades, curiosidades, como não observá-las e registrar suas manifestações para servir de base para o processo constante de reflexão, planejamento e avaliação do professor?

Em relação à coordenação pedagógica, as entrevistadas P1 e P2, que trabalham na mesma creche, informaram que esse ano ainda não tem coordenadora pedagógica, mas que no ano passado tinham e ela não cobrava o planejamento por saber da situação do tempo, e quando era entregue ela lia de vez em quando, mas nunca comentou individualmente, apenas brevemente em reuniões.

Na instituição da entrevistada P3 há uma coordenadora no CIEP, mas a pré-escola fica abandonada, pois dão prioridade ao ensino fundamental e classes especiais. Ela afirmou que a direção cobra o planejamento, mas só a cópia para deixar na pasta, caso haja alguma visita da Cre (Coordenadoria Regional de Educação), mas não olham e nem dão opinião.

A P4 informou que a coordenadora da sua instituição não lê e nem cobra o planejamento, mas está sempre entrando nas salas, observando as atividades, dá sugestões e quando temos alguma dúvida está sempre esclarecendo.

A última entrevistada, P5 também relatou que a coordenadora da sua instituição, raramente, lê e faz comentários do planejamento, lembrando uma ou outra atividade que gostou e dá sugestões sobre o assunto/tema que está sendo abordado.

Essa questão da atuação do coordenador pedagógico é muito importante, porque a construção do conhecimento não ocorre só com a atuação do professor, mas sim com atuação conjunta da coordenação pedagógica, direção, crianças, pais e professores, sendo o coordenador pedagógico responsável por orientar e articular ideias para uma proposta pedagógica que auxilie o professor no processo pedagógico.

O coordenador pedagógico precisa ter consciência do seu papel; ele é uma peça fundamental no espaço educativo, pois precisa acompanhar continuamente o trabalho de planejamento e avaliação, ter conhecimentos teóricos para identificar necessidades das crianças e professores e refletir sobre a ação junto com os professores. Através de atendimentos individuais ou em grupo, onde ocorrem observações e discussões, é possível planejar ações efetivas buscando superar dificuldades, suprir necessidades e expectativas.

Parece que a falta da atuação do coordenador pedagógico junto às professoras contribui ainda mais para a desmotivação dessas e a falta de sentido em fazer o planejamento, visto que, mesmo quando entregam, esse fica armazenado numa pasta e não recebem retorno.

Portanto, vimos três fatores que contribuem para o fato de, a maioria das entrevistadas, não tomarem o planejamento, o registro e avaliação como ferramentas metodológicas que alicerçam e documentam o trabalho do professor: 1) a falta de compreensão de seus sentidos; 2) as duras condições de trabalho que não oferecem tempo na jornada de trabalho para isso e 3) a falta de articulação do trabalho da coordenação pedagógica com as professoras.

Pensamos que a identificação desses fatores pode servir de subsídios para fomentar a formação dos professores no que concerne a docência, à gestão e a

coordenação pedagógica, bem como a necessária atuação nas políticas públicas referentes à educação infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais apontam que o planejamento é uma arma valiosa do professor no combate a mecanização educacional, na qual o Estado ou direção definem o que e como devem planejar. Ao contrário, vimos que planejar é refletir, cabe ao professor valorizar isso e pensar: como posso melhorar minha prática? Qual sentido quero dar à minha ação? Que concepções de criança, educação e conhecimento fundamentam meu planejamento? Os meus métodos, as atividades propostas e as avaliações realizadas estão trazendo realmente situações significativas para as crianças?

Um dos objetivos da pesquisa foi conhecer a formação das professoras e como ela influencia em seu planejamento, e foi possível perceber que é preciso repensar a proposta curricular das instituições formadoras, buscando atender as especificidades que uma professora de educação infantil deve ter em relação às professoras de ensino fundamental.

Refletindo sobre os tipos de planejamento usados pelas professoras entrevistadas, a maioria baseados em temas definidos por projetos pedagógicos bimestrais retirados do Projeto Político Pedagógico, nota-se que na formação dos professores, mesmo continuada, ainda não há abordagem suficiente sobre a Pedagogia de Projetos. Pensamos ser necessário investir nos estudos e pesquisa sobre a mesma, pois é uma metodologia na qual a criança é vista como participante do processo, crítica, ativa e criativa, onde os projetos devem partir dos interesses das crianças, e o professor media as etapas de trabalho que devem ser pensadas e organizadas juntamente com elas.

O trabalho com projetos, por abordar um determinado assunto de forma contextualizada, amplia consideravelmente a gama de conhecimentos que podem ser ancorados ao tema eleito, permitindo não só a interdisciplinaridade, mas também a transversalidade. (CORSINO, 2009, p.114).

No decorrer da pesquisa foi possível perceber a insatisfação das entrevistadas em relação ao tempo e espaço destinados à elaboração do planejamento, pois na maioria das instituições não havia uma sala com recursos adequados para construção do planejamento, tarefa que requer tempo para reflexão,

pesquisa, escolha e disponibilização de materiais, organização das situações significativas e seus objetivos. Além disso, as professoras não têm assegurado o direito garantido por lei municipal de ter parte da carga horária para planejamento; mostrando que as políticas públicas que asseguram ou não boas condições de trabalho influenciam diretamente na qualidade do trabalho do professor.

A partir dos relatos também foi observado que as professoras não articulam as ferramentas da ação pedagógica, ou seja, elas não valorizam a avaliação, a observação e o registro como aspectos diretamente articulados ao planejamento. Fazer essa relação permite que o planejamento contribua na reflexão do professor, em perceber quais elementos contribuem ou dificultam as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. A partir da reflexão sobre sua prática e a observação sobre as manifestações das crianças em relação ao que é proposto, é possível ao professor reinventar, modificar ou fortalecer as propostas, de modo a qualificar a prática educativa.

Conclui-se que a concepção de Educação Infantil e criança que o educador possui é um ponto fundamental na sua ação de planejar, assim como em todas outras ações educativas relacionadas, pois ele vai basear sua prática naquilo que acredita, e sem uma reflexão e clareza das suas concepções e princípios há uma perda de rumo no processo de desenvolvimento das crianças e no entendimento de seu papel como professor.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHMAD, Laila A.S. Um breve histórico da infância e da instituição de Educação infantil. 2009. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/educacao/historicodainfancia.asp>> Acesso em: 05 de março de 2015.

ALMEIDA, Laurinda R.; PLACCO, Vera M.N.S. **O papel do coordenador pedagógico.** 2011. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/142/artigo234539-1.asp>>. Acesso em: 01 de maio de 2015

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça. **Projetos Pedagógicos na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

BELLONI, Maria Luiza. **Infância, Mídias e Educação: revisitando o conceito de socialização.** Perspectiva, Florianópolis, v. 25, n. 1, 57-82. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1629/1370>>

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).** Lei 9394/96, de 20 de Dezembro de 1996.

BRASIL. **LEI nº 11.738**, de 16 de Julho de 2008. Dispões sobre o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11738.htm

BRASIL. Ministério da Educação e do desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular nacional para a Educação Infantil (RCN)**, – Brasília: MEC/CEF – 1998. Vol.2.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** – Brasília: MEC, SEB, 2009.

CORSINO, Patricia (Org.). **Educação Infantil: cotidiano e políticas.** Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação e Educação Infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança.** Porto Alegre: Mediação, 2012.

LUDORF, Silvia M. Agatti. **Metodologia da pesquisa: do projeto à monografia**. Rio de Janeiro: Shape, 2004.

MARCONI, M.A.;LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

MINAYO, M. C.S (Org) **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

OSTETTO, Luciana E. (Org.) **Encontros e Encantamentos na Educação Infantil: Partilhando Experiências e Estágios**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **“Mas as crianças gostam!” ou, sobre gostos e repertórios musicais**. Anais da 26ª reunião da Anped, Poços de Caldas/MG, 2003.

_____. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Educação. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil**. Rio de Janeiro, 2010.

_____. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Educação. **Planejamento na Educação infantil**, Cadernos Pedagógicos, vol 1. Rio de Janeiro, 2011.

ANEXO

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

1º Apresentação (aluna e da pesquisa)

2º - Deixar claro às entrevistadas que a identidade das mesmas e da escola não será revelada no trabalho.

3º - Esclarecer que essa entrevista não tem o objetivo de julgar se as suas práticas são corretas ou não, e sim conhecer as diversas práticas que são usadas nas instituições de educação infantil.

- Qual a sua formação e em qual ano você se formou?
- Em sua formação, como foi abordado o tema planejamento na EI?
- Há quanto tempo trabalha com educação infantil?
- O professor recentemente passou a ter direito a 1/3 da sua carga horária para planejar, na sua instituição você tem esse horário? Caso sim, onde é realizado e há materiais para pesquisa? Caso não, onde e em que horário você realiza?
- Como você elabora seu planejamento? (diário, semanal, mensal, por projetos?)
- O que é priorizado nele?
- Quais são os princípios que sustentam a organização do seu planejamento? Em que se baseia para planejar?
- VC planeja sozinho(a) ou coletivamente com colega de trabalho, coordenação pedagógica?
- Em sua opinião, o planejamento é importante? Por que?
- Quais são as dificuldades encontradas na hora de planejar?
- Que fontes/materiais costuma utilizar para realizar seu planejamento?
- Na sua instituição, a coordenação entrega folhas de planejamento? Ela cobra a entrega do mesmo? Ela avalia e dá um feedback?
- Você tem realizado registros das propostas e vivências das crianças? Eles têm ajudado na hora de planejar?
- Como se dá a sua avaliação do seu planejamento?
- Sua instituição já trabalhou ou trabalha com projetos? De quanto em quanto tempo são os projetos? Caso não, como eles orientam o trabalho pedagógico?